

## Comunicação e Sustentabilidade no 4º Fórum Internacional sobre a Amazônia<sup>1</sup>

Elaine Favero<sup>2</sup>  
Maria Luzia de Cerqueira Gomes<sup>3</sup>  
Mariana Bitencourt Santos<sup>4</sup>  
Marina Pinheiro Kluppel<sup>5</sup>  
Mônica Nogueira<sup>6</sup>

### RESUMO

Este trabalho relata a experiência da roda de conversa “Comunicação e Sustentabilidade”, realizada durante o 4º Fórum Internacional sobre a Amazônia, em 2025 na Universidade de Brasília. Analisa o papel da comunicação na promoção da sustentabilidade, em um contexto de mudanças climáticas e múltiplas crises sociais e da comunicação. Os resultados apontam para o valor do diálogo público e do fortalecimento da democracia no enfrentamento desses desafios, bem como do papel das mulheres nesses processos, a importância de ações autogestionárias e de uma pedagogia participativa alinhada aos princípios da Educomunicação, para impulsionar mudanças genuínas em prol da justiça socioambiental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação pública; Sustentabilidade; Educomunicação.

### 1. Introdução

Faz tempo que isso de nos sentarmos em roda dá muito certo, você não vê?  
Mia Couto<sup>7</sup>

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 04 – Comunicação Pública, Cidadania, Educação e Meio Ambiente III Congresso Brasileiro de Comunicação Pública: emergência climática e direito à informação, realizado de 20 a 22 de outubro de 2025, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), em São Cristóvão, Sergipe.

<sup>2</sup> Aluna especial da disciplina Comunicação e Sustentabilidade do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPGCDS), da Universidade de Brasília, no primeiro semestre de 2025. (UnB). E-mail: [elainefavero@gmail.com](mailto:elainefavero@gmail.com)

<sup>3</sup> Aluna especial da disciplina Comunicação e Sustentabilidade do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPGCDS), da Universidade de Brasília, no primeiro semestre de 2025. E-mail: [mariluemail@gmail.com](mailto:mariluemail@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPGCDS), da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: [mariana.bitencourt.s@gmail.com](mailto:mariana.bitencourt.s@gmail.com)

<sup>5</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPGCDS), da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: [makluppel@gmail.com](mailto:makluppel@gmail.com)

<sup>6</sup> Professora do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), Universidade de Brasília (UnB). E-mail: [monicacrnogueira@gmail.com](mailto:monicacrnogueira@gmail.com)

<sup>7</sup> Comunicação pessoal em palestra do autor, no lançamento de seu livro Confissão da Leoa, na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), em São Paulo, 2016.

Em um cenário global caracterizado por desafios crescentes relacionados às mudanças climáticas, a COP 30<sup>8</sup>, em Belém do Pará, destaca-se como um marco fundamental para as discussões e ações voltadas à sustentabilidade no Brasil e no mundo. Trata-se de um momento de grande urgência, em que o desafio vai além da mitigação dos impactos ambientais e sociais, exigindo também o fortalecimento da comunicação climática e científica diante da crescente disseminação de desinformação e negacionismo (SILVA, Hesley, 2022).

Nesse sentido, o direito à informação e à comunicação se torna fundamental para a promoção de uma cidadania consciente e atenta aos desafios socioambientais. Garantir o acesso a informações confiáveis e transparentes sobre as mudanças climáticas é necessário para fortalecer a participação social nas tomadas de decisão e para combater a propagação de notícias falsas que sistematicamente dificultam a compreensão da gravidade e o envolvimento da sociedade na construção de soluções adequadas sociotecnicamente – ou seja, compatíveis com cada contexto social, cultural e ambiental em que será aplicada (DAGNINO, Renato, 2009).

A comunicação climática, contudo, enfrenta desafios significativos, como a prevalência de desinformação, negacionismo científico e ameaças à estabilidade democrática, fenômenos que se articulam entre si e avançam sobre diversos países mundo afora. O negacionismo, por exemplo, é intensificado pelo aumento de formas organizadas de desinformação, incluindo a disseminação de narrativas falsas online (*fake news*), que contribuem para que muitas pessoas duvidem da ciência sobre o aquecimento global e as mudanças do clima (SANTINI, Rose Marie; BARROS, Carlos Eduardo, 2022). Um amplo espectro de pensadores contemporâneos, de Byung Chul-Han (2022) a Ailton Krenak (2019), também apontam para uma crescente desconexão entre as pessoas e dessas com a natureza, agravada pela cultura do individualismo e pelo entorpecimento social causado pelo uso excessivo das redes sociais. Esses processos têm como consequência uma erosão da democracia e da experiência coletiva. Uma conjuntura que, afinal, dificulta a mobilização social e a elaboração de soluções conjuntas para os desafios climáticos, exigindo repensar inclusive as estratégias de comunicação para tanto.

---

<sup>8</sup> Acrônimo para referir a 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. A COP é um evento anual que reúne líderes mundiais, cientistas e representantes da sociedade civil para discutir e negociar soluções para a crise climática.

Conscientes desse desafio, propusemos a realização de uma roda de conversa "Comunicação e Sustentabilidade", no dia 12 de junho de 2025, durante o 4º Fórum Internacional sobre a Amazônia (FIA), na Universidade de Brasília (UnB). A roda de conversa foi concebida como uma atividade integrada à disciplina homônima oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPGCDS) no primeiro semestre de 2025.

Partindo da premissa de que a COP 30 ocorre em um momento crítico para a comunicação, que enfrenta diversas crises, incluindo a crise da verdade, a crise social da ciência, a própria crise da comunicação científica e, afinal, a crise epistêmica (OLIVEIRA, Thaiane, 2020)<sup>9</sup>, a roda de conversa visou oferecer um espaço singular para o diálogo, a troca de experiências e a construção coletiva de reflexões teórico-práticas sobre o papel da comunicação no enfrentamento dos desafios contemporâneos, especialmente as mudanças climáticas, tendo como ênfase a reaproximação com a sociedade e dessa com a natureza, para o fortalecimento do senso coletivo e a construção de comunidades de aprendizagem conscientes e engajadas (HOOKS, bell, 2021).

Nos dedicamos, assim, a responder o chamado de Kathleen Mar *et al.* (2023), quanto à necessidade de reinventar a comunicação em eventos como as COPs, superando o modelo usual de eventos paralelos (*side events*) realizados por meio de apresentações unilaterais e painéis, em prol de formatos dialógicos que fomentem o aprendizado mútuo, a troca contínua entre as pessoas presentes e a construção de comunidades.

## O CAMINHO: O MÉTODO E AS TÉCNICAS DE TRABALHO ADOTADOS

O Fórum Internacional sobre a Amazônia (FIA) é uma iniciativa do Núcleo de Estudos Amazônicos (Neaz), do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam) da UnB, em parceria com organizações da sociedade civil e movimentos sociais. A quarta edição do evento foi realizada em junho de 2025, no campus Darcy Ribeiro dessa Universidade, reunindo pesquisadoras, pesquisadores e ativistas para discutir o agravamento da crise climática, bem como a violência e as crescentes ameaças ao meio

---

<sup>9</sup> De acordo com a autora, a comunicação enfrenta quatro crises interligadas: a crise da verdade, marcada pela disseminação de informações falsas; a crise social da ciência, relacionada à desconfiança na produção científica; a crise da comunicação científica, referente à dificuldade em comunicar a ciência de forma eficaz; e a crise epistêmica, que questiona as instituições tradicionais de produção de conhecimento e verdade.

ambiente e aos povos da Amazônia brasileira e internacional. O evento também visou estimular colaborações inter, multi e transdisciplinares no âmbito da comunidade acadêmica, bem como o chamado diálogo de saberes: científicos e tradicionais (ou populares).

Atendendo à chamada pública do 4º FIA para a proposição de atividades autogestionadas (oficinas, rodas de conversa e atividades culturais), propusemos a realização da roda de conversa “Comunicação e Sustentabilidade”. A proposta surgiu durante sessões da disciplina homônima, ministrada por uma das autoras deste relato, a professora Mônica Nogueira, como Tópico Especial do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPGCDS). Estávamos provocadas pela leitura de artigos e livros sobre os desafios da comunicação em tempos de mudanças climáticas, e nos sentíamos motivadas a experimentar novas formas de debate sobre o tema, com um público mais amplo.

A roda de conversa adotou uma metodologia participativa, inspirada no Círculo de Cultura<sup>10</sup>, proposta pedagógica de Paulo Freire (2013 [1967]; 2019 [1970]), com foco na interação, por meio da oralidade, com o objetivo de promover debates temáticos, estimular a construção coletiva de conhecimento, fomentar a conscientização crítica e a transformação social. O ponto de partida em um Círculo de Leitura deve ser um ou mais temas de interesse dos participantes, por meio dos quais se poderá então problematizar e investigar a realidade. No Círculo, em uma relação horizontal, todos compartilham suas experiências para construir coletivamente o conhecimento.

Na perspectiva da roda de conversa como instrumento de coleta de dados, (MOURA, Adriana; LIMA, Maria da Glória, 2015) destaca-se a importância desse método de pesquisa narrativa em que é possível “dialogar com os sujeitos, que se expressam, escutam seus pares e a si mesmos pelo exercício reflexivo” pois, são “[..] indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e de sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica”. (WARSCHAUER *apud* MOURA, Adriana; LIMA, Maria da Glória, 2015, p. 28). Ademais da polifonia, há o gestual, as entonações das vozes, a troca de olhares, os estilos

---

<sup>10</sup> O método foi desenvolvido na década de 1969, originalmente, para alfabetizar adultos, sendo depois adaptado para diversos contextos e fins educativos.

de corte de cabelo, das vestimentas etc. Esses adendos, ao serem notados e não julgados, enriquecem a interpretação das informações coletadas.

O ambiente da roda de conversa foi criado no mezanino do Instituto Central de Ciências (ICC) da UnB – um local de grande circulação. Após o arranjo das cadeiras em círculo, a colocação de um *flipchart* com folhas em branco e canetas para eventuais anotações, as/os estudantes e professores com interesse na roda foram ocupando os assentos disponíveis. A facilitação e relatoria foram compartilhadas entre as organizadoras da roda de conversa.

A conversa foi baseada na escuta ativa e no revezamento espontâneo entre as/os participantes e orientada por um conjunto de perguntas-chave que as/os incentivaram a compartilhar suas experiências, desafios e estratégias de comunicação em suas respectivas áreas de atuação. Foram perguntas-chave:

- a) Que bicho é você na natureza e por quê? Uma pergunta do tipo quebra-gelo, para as pessoas se apresentarem de forma descontraída e significativa, visto que desde o início foram estimuladas a buscar estabelecer uma vinculação com um elemento de natureza, uma animal de sua preferência.
- b) Quando você sente que é ouvido de verdade?
- c) O que te motiva a falar de sustentabilidade hoje?
- d) O que você gostaria que mais pessoas soubessem sobre sustentabilidade?
- e) Como comunicar eficazmente em tempos difíceis (devido à desinformação, e ao negacionismo científico)?
- f) O que te dá esperança quando você pensa no futuro?

Essas perguntas estimularam uma reflexão sobre o papel da comunicação na promoção da sustentabilidade, abordando temas como a importância da escuta, a motivação para falar sobre sustentabilidade e a comunicação eficaz em tempos de desinformação e negacionismo.

Antes da colocação das perguntas-chave, houve uma apresentação de cada integrante dizendo seu nome, área de estudo ou de pesquisa e a inscrição por escrito, de seu contato por e-mail e celular, em um caderno. A conversa foi registrada em gravação de áudio, fotografias e anotações em tarjetas dos extratos sucintos das variadas falas.

## **A COLHEITA: RESULTADOS DA RODA DE CONVERSA**

As pessoas participantes da roda de conversa - entre estudantes de graduação e pós-graduação, professoras e professores de diferentes áreas do conhecimento - discutiram a importância de uma comunicação organizada e eficaz, reconhecendo que, embora a comunicação não resolva todos os problemas, desempenha um papel fundamental na construção da percepção sobre as múltiplas crises que nos afetam contemporaneamente, bem como na transmissão da informação e na mobilização social para a ação. Enfatizou-se que a comunicação é um processo que deve afetar as pessoas, ou seja, que é essencial comunicar de forma a estimular o envolvimento das pessoas, superando o foco no “des-envolvimento”, conforme a crítica de Ailton Krenak (2019). Por isso, as dimensões afetiva, estética e mesmo a imaginação são importantes para alcançar o “envolvimento sustentável” – termo adotado após emergir espontaneamente na conversa – visando um engajamento mais profundo com as transformações que se reconhece como necessárias no mundo.

As participantes também abordaram os desafios da comunicação em um contexto marcado pelo catastrofismo e pelo negacionismo, buscando compartilhar e discutir experiências e estratégias para comunicar de forma realista e eficaz os problemas contemporâneos. A importância de ter um propósito bem objetivo na comunicação e de direcioná-la para cada segmento específico de público, adequando a linguagem e os meios, foi amplamente discutida. Foi ainda ressaltada a necessidade de animar debates públicos, com amplo espaço para o contraditório, ou seja, para o debate de ideias divergentes, a fim de combater a desinformação e o negacionismo, e fortalecer o exercício democrático. Como destaca Byung Chul Han (2022), em um contexto em que a informação prolifera de maneira incessante e a comunicação digital tende a fragmentar e atomizar as relações, torna-se ainda mais importante a retomada da arena pública – especialmente os espaços de interação face a face, como esta roda de conversa, para o fortalecimento da democracia, permitindo um engajamento mais profundo e significativo entre os cidadãos. Além disso, espaços onde se possa acolher a divergência de opiniões, por meio da escuta atenta e o respeito mútuo, reconhecendo nas diferenças uma oportunidade de aprendizagem.

Numa análise fático-subjetiva, a roda de conversa revela uma potência que ultrapassa o mero compartilhamento ou acúmulo de informações, por mais pertinentes

que sejam. Ao ativar o encontro entre pessoas - pelo olhar, pela escuta e pelo afeto -, ela cria condições de vínculo e reconhecimento mútuo que são fundamentais para o engajamento em ações concretas. Como afirmam Humberto Maturana e Francisco Varela (2001), a cognição é um fenômeno que emerge das relações e das emoções; aprendemos e nos transformamos na convivência. Assim, enquanto a informação pode gerar conhecimento, é o diálogo que gera pertencimento e, conseqüentemente, mobilização. Nessa perspectiva, a roda de conversa rompe parcialmente com o paradigma informacional e performa o paradigma relacional: ela nos faz sentir parte, e é dessa sensação de pertencimento que brotam as práticas sustentáveis e solidárias. A experiência dialógica, portanto, ativa não apenas a razão, mas também o coração — e é dessa integração que nasce a possibilidade de transformação coletiva.

O papel das mulheres na sustentabilidade foi um tema que emergiu espontaneamente na roda de conversa. Isso porque a quase totalidade das participantes eram mulheres e trouxeram ao debate temas como o crescimento da liderança de mulheres em diversos espaços – inclusive nas universidades – como outra marca do presente. Mas, não obstante as mulheres venham cumprindo um importante papel em pautar o cuidado como uma dimensão fundamental para a vida em sentido amplo (social e do Planeta), a divisão de gênero no trabalho resulta em condições desiguais entre homens e mulheres, seja no contexto profissional, da vida doméstica ou nas atividades de conservação (SOUZA, Maira *et al.*, 2023). Sendo assim, é preciso manter a crítica e a tensão positiva para uma maior partilha de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres, além da constante busca pela superação do patriarcado.

As participantes enfatizaram ainda a importância de reconhecer a pequena militância que cada uma pode exercer, valorizando as ações individuais e coletivas em prol da sustentabilidade. A necessidade de diminuir a escala das ações, para perceber a realidade ao redor, afetar e envolver as pessoas em processos autogeridos, foi uma das considerações finais do grupo. Essas proposições se aproximam dos princípios da Educomunicação, que busca construir um campo de mediações entre comunicação e educação, para a construção de ações educativas coerentes com as necessidades atuais e a valorização da experiência e da expressão dos sujeitos envolvidos (SOARES, Ismar, 2000).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A roda de conversa “Comunicação e Sustentabilidade” proporcionou um espaço valioso para a troca de experiências, a reflexão crítica e a construção coletiva de conhecimento. As participantes puderam compartilhar seus desafios, estratégias e perspectivas, fortalecendo seus laços e ampliando sua compreensão sobre o papel da comunicação na promoção da sustentabilidade. A metodologia participativa e as perguntas-chave estimularam uma reflexão profunda sobre as questões abordadas, gerando um espaço de diálogo.

Mais do que um exercício de troca informacional, a roda de conversa mostrou-se uma experiência de construção de sentido compartilhado, em que o conhecimento emerge da relação e da escuta sensível. Essa dimensão relacional e afetiva é o que possibilita o “envolvimento sustentável” mencionado ao longo do encontro — uma forma de engajamento que não nasce da obrigação, mas da conexão e do reconhecimento mútuo. Quando a comunicação toca o sensível, ela abre espaço para novas formas de ver e agir no mundo, transformando informação em consciência e consciência em ação.

O direito de acesso à informação, especialmente ambiental, é um direito humano universal, indispensável e inviolável reconhecido internacionalmente desde 1948 (LANCHOTTI; DIZ, 2016). Mesmo com essa premissa, o engajamento e a participação política no enfrentamento às mudanças climáticas estão diretamente relacionados às condições em que a população acessa a informação sobre os acontecimentos relacionados a essas mudanças e os efeitos que geram sobre suas vidas (VLASCEANU *et al.*, 2024). Há, portanto, uma relação intrínseca entre comunicação, participação e justiça socioambiental. Sem comunicação efetiva, a população se sente desinformada e é limitada na sua capacidade de mobilização para contribuir ativamente na busca por soluções. Uma comunicação inclusiva, acessível e contextualizada promove a equidade no acesso ao conhecimento, empodera comunidades e fomenta a participação social, fatores essenciais para fortalecer ações coletivas e políticas públicas eficazes frente às mudanças climáticas. Assim, a informação deixa de ser um mero direito formal e passa a ser uma ferramenta prática de transformação social, capaz de promover maior justiça e colaboração na construção de um futuro mais sustentável.



Mas para além da transmissão de informações, é crucial que a comunicação nos eventos sobre o clima promova a reflexão, a interconexão e a orientação para a ação, fomentando a colaboração e o aprendizado mútuo entre os participantes (MAR *et al.*, 2023). Essa orientação se alinha aos princípios da comunicação pública, que defendem uma abordagem participativa, inclusiva e orientada à promoção da cidadania. De acordo com essa abordagem, promover reflexão e aprendizado mútuo cria um espaço democrático onde diferentes atores podem expressar suas perspectivas, compartilhar conhecimentos e construir soluções coletivas. A interconexão entre os participantes estimula o senso de coletividade e a responsabilidade com o futuro comum. Dito de outro modo, em experiências como a roda de conversa “Comunicação e Sustentabilidade”, a ênfase é sobre o desenvolvimento de uma cultura de diálogo, em um exercício de comunicação eminentemente pública, porque orientada à criação de novas possibilidades de agir coletivamente pelo bem comum.

Nesse sentido, a roda de conversa se revelou não apenas um método, mas uma metáfora de futuro - um convite para repensar a própria forma como comunicamos, aprendemos e coexistimos. Em tempos de crises múltiplas, comunicar de modo sustentável é tecer vínculos que resistem e regeneram. Assim como cada bioma, a comunicação precisa ser diversa, interdependente e viva: uma floresta de vozes científicas e de encantamento que, ao se escutarem e se apoiarem, produzem sentido, direcionamento e esperança.

A experiência da roda de conversa no 4º Fórum Internacional sobre a Amazônia demonstrou que o diálogo, quando enraizado em dados e fatos, no afeto e na escuta, pode ser um ato político-ecológico revolucionário. Falar e ouvir tornam-se gestos de cuidado com o outro, com o território e com o futuro comum. Nesse entrelaçamento entre palavra e mundo, emerge a comunicação como prática de sustentabilidade: um modo de nos envolvermos em prol de manter a vida pulsando.

## REFERÊNCIAS

CHUL-HAN, Byung. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

DAGNINO, Renato. Ciência e Tecnologia para a Cidadania ou Adequação Sócio-Técnica com o Povo? **Tecnologia e Sociedade**, v. 5, n. 8, jan/jun, 2009, pp. 1-23.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: pedagogia da esperança**. Elefante Editora, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LANCHOTTI, Andressa de Oliveira; DIZ, Jamile Bergamaschine Mata. Direito de acesso à informação ambiental: da formalidade à efetividade dos direitos de acesso. **Revista de Direito e Sustentabilidade**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 130-148, jul./dez. 2016.

MAR, Kathleen A. et al. Learning and community building in support of collective action: toward a new climate of communication at the COP. **WIREs Climate Change**. v. 14, 2023, e832. DOI: 10.1002/wcc.832.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Interfaces da Educação**. [S. L.], v. 5, n. 15, 2015, pp. 24-35.

OLIVEIRA, Thaiane. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. Unisinos. v. 22, n. 1, jan/abr, 2020, pp. 21-35.

SANTINI, Rose Marie; BARROS, Carlos Eduardo. Negacionismo climático e desinformação online: uma revisão de escopo. **Liinc em Revista**, v. 18, n. 1, 2022, p. e5948.

SILVA, H. **Information and Misinformation about Climate Change: Lessons from Brazil**. Ethics in Science and Environmental Politics. 2022.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**. v. 19, set/dez, 2000, pp. 12-24.



SOUZA, Maira Ribeiro; DE LORETO, Maria das Dores Saraiva; DE FÁTIMA EUFRÁSIO, Luciana. As dimensões do cuidado no âmbito da economia feminista: Um olhar sobre o trabalho das mulheres rurais no contexto da agricultura familiar. **Emancipação**, v. 23, 2023, pp. 1-19, 2023.

VLASCEANU, Madalina et al. Addressing climate change with behavioral science: A global intervention tournament in 63 countries. **Science advances**, v. 10, n. 6, 2024, p. eadj5778.